

Fibromialgia: Investigação sobre o discurso de mulheres “fibromiálgicas”

Orientador: Prof. Dr. Jubel Barreto¹

Equipe: Aline Pereira de Almeida², Hakayna Calegaro Salgado², Larissa Souza Borowski Mendes², Maísa Adelina Pótros Rossi², Vinícius Salim Gouvêa²

¹ Professor associado do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFJF. Líder do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Antropologia da Saúde.

² Estudantes de graduação da Faculdade de Medicina da UFJF.

Introdução: Com elevados índices de prevalência, destaca-se, no cenário da clínica atual, a fibromialgia como uma síndrome de dor crônica quase privativamente feminina. O presente trabalho resulta de uma pesquisa em que se indaga, com apoio nos elementos discursivos, a pertinência da hipótese de a fibromialgia apresentar-se como uma das formas de rearranjo diagnóstico para a antiga histeria, encoberta sob a roupagem das hipóteses que “concedem” considerá-la como uma síndrome multifatorial e associada a sintomas de depressão, ansiedade e outros de natureza psicológica. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base etnográfica. Foram entrevistadas 20 pacientes do sexo feminino, com diagnóstico de fibromialgia em tratamento no Serviço de Reumatologia do HU-CAS/UFJF. **Resultados:** Em nenhum dos casos a doença foi logo diagnosticada, sendo mais frequente o decurso de um a quatro anos. Destacam-se três planos de interseção dos discursos: 1) a presença de um “fator psicológico” que desencadeia os sintomas, sendo mais comuns: morte na família, problemas conjugais, doenças ou sobrecarga de trabalho; 2) uma rede de relações com o Outro (em especial, a família) marcada pela posição de queixa, rancor e demanda de reparação: as pacientes colocam-se numa posição de reivindicação e de obtenção de um ganho secundário decorrente de sua autopercepção como vítima, de uma solidão vivida com ressentimento; 3) uma preocupação em justificar a frustração diante das tarefas da vida, destacadamente em relação ao mundo do trabalho, em que sobressai a posição de autodestituição e de autocompaixão apoiada no argumento da incapacidade. É então, ao responder sobre a sua situação de trabalho, que invariavelmente a doença é nomeada ou a incapacidade descrita. A palavra “depressão” aparece espontaneamente em oito depoimentos; em outros surgem as autodescrições como pessoas “ansiosas”, “irritadas”, de “mau gênio”. **Conclusão:** os depoimentos colhidos autorizam os autores a argumentar que há notável coincidência na enunciação discursiva apresentada pela fibromiálgica e pela histérica. Essa nomeação diagnóstica de fibromialgia pode ser mantida, contanto que não sirva para convencer o clínico de que a dor que não encontra fundação no organismo, demonstrada ou suposta, é “irreal”, ou “menos dor”. Assim, com inquietante freqüência, a fibromialgia redesenha um quadro sintomatológico coincidente com aquele do diagnóstico de histeria.